

ONELLEY, Glória Braga; Peçanha, Shirley, *Hesíodo: Trabalhos e Dias*. Prefácio de Jacyntho Lins Brandão, Rio de Janeiro, Viveiros de Castro Editora, Ltda, 2020, 116 pp. ISBN: 978-65-5905-061-1.

O presente volume merece rasgados elogios por vários motivos: a elegância e sabedoria do Prefácio; a riqueza e erudição da Introdução, muito útil para situar Hesíodo, o seu pensamento e a sua época, bem como para relacionar este tratado gnômico grego com a sabedoria oriental; a Tradução, elegante, fiel, respeitadora do original, precisa e bem ritmada; as Notas, que abordam muitos aspetos genéricos e especializados, refletindo, também, a crítica dos estudiosos de Hesíodo; finalmente, a Bibliografia, completa e bem fundamentada. E parece-me acertada a decisão de não utilizar um qualquer verso sem correspondência com o hexâmetro dactílico grego, que seguramente tornaria a tradução mais pesada e menos corrente.

Para além dos grandes temas da justiça (ver o longo elogio desta nos vv. 202 sqq.: fábula do gavião em tom fortemente parenético; vv. 279-280: a justiça é o supremo bem) e do trabalho (bem ilustrado com a imagem dos zângãos ociosos, nos vv. 303 sqq.) — temas bem analisados nas pp. 21-51 —, avultam informações técnicas sobre a economia rural, com implicações meteorológicas, astrais, zoológicas, botânicas, etc., sobre a atividade mercantil (vv. 618-694: épocas de navegação, construção de naus, comércio marítimo), apontamentos de elevado interesse sobre a inserção do indivíduo na pólis (vv. 29-30), as relações familiares (vv. 180-188: gerotrofia, e 519-525: vida no interior da casa), sobre vizinhança (vv. 342-351 e 397-400), hospitalidade (vv. 183 e 327), amizade (vv. 342 e 707-716), casamento e economia doméstica (vv. 695-705 e 779), procriação (vv. 235, 780-795, 800-804, 811-813), misoginia (vv. 67, 94-95, sobre Pandora, e 373-375), escravos e trabalhadores (vv. 441-447 e 597-603), dieta (vv. 82: homens comedores de pão, 146-147: nenhum pão comiam, sc. os homens da idade do bronze, 233: glandes, 442, 559-560, 588-596), boas maneiras e banquetes (vv. 717-723), higiene, superstições populares e interditos (vv. 724-756), imagética animal (já referida acima), catálogo de delitos ou vícios (vv. 327-334).

De não menor importância são os aspetos especificamente literários, como o tema das Cinco Idades (vv. 109-201), os mitos de Prometeu (vv. 47-58) e de Pandora (vv. 59-99), a criatividade de sabor homérico, com os seus epítetos, tão bem traduzidos, símiles e variações dialetais.

Vou debruçar-me de forma mais aprofundada sobre o que certamente constitui o labor de maior exigência — a tradução —, e, nesta, louvo o propósito de “conservar, sempre que possível, a estrutura sintática da língua grega”. E, genericamente, esse desiderato, que também diz respeito aos efeitos retóricos decorrentes, foi muito bem cumprido, como se comprova em passos como vv. 5 (aliteração), 101 (paralelismo), 222 e 493-495 (estrutura da frase), 317-319 (anáfora). Desta maneira, o leitor tem uma sensação de proximidade ao original grego em termos de prosódia e estilística.

No domínio semântico, a tradução é de grande rigor, atenta ao propósito de manter, quando possível, alguma uniformidade na versão de termos que ora se repetem ora utilizam a sinonímia, com variações que por vezes Hesíodo utilizou por necessidade métrica. Trata-se de um exercício sempre árduo e sem resultado certo, até porque muitos desses termos, sobretudo no domínio de conceitos, ou são difíceis de traduzir, por não haver equivalente no nosso léxico, ou têm variações de significado que só o contexto ajuda a entender.

Assim, por exemplo, no caso de ἀγαθός, ἀγαθόν, nos seus vários graus, a tradução por ‘bom, bem’ e formas de superlativação adequadas (vv. 24, 191, 279: supremo bem, 293, 317, 346, 356, 500, 703 e 704, 750, 783, 801) é comum a algumas ocorrências de ἐσθλός (no v. 716 é claramente o oposto de κακός), termo que na maioria dos casos facilmente poderia ser vertido por ‘honesto, digno’ (ver vv. 295, 347, 366, 474, 634, 716); todavia, nas ocorrências em que ἐσθλός é traduzido por ‘favorável’ (vv. 774, 788 e 812), esta solução é a correta, o que legitima a opção das tradutoras e torna evidente que nem sempre é viável uma solução uniforme.

De igual modo, o termo ναυτιλίη é traduzido por ‘navegação’ nas suas 3 ocorrências (vv. 618, 642 e 649); mas ‘navegação’ é também o termo utilizado para πλόος nos vv. 630, 665, 678 e 682, onde seria difícil encontrar alternativa que não fosse ‘momento favorável para travessias (marítimas)’ ou ‘viagem por mar’, pelo que a solução adotada pelas tradutoras se torna aceitável.

Mesmo assim, e não querendo sobrepor as minhas propostas às opções perfilhadas, vou apresentar algumas alternativas para a versão de vários termos gregos, que, para facilitar, registo por ordem alfabética:

- ἀγορά é traduzido por ‘ágora’ no v. 29 e por ‘assembleias’ no v. 30; a uniformização permitira manter a repetição do original;

- δμῶς recebe três traduções diferentes: ‘servo’ (vv. 430 e 459); ‘escravo’ (vv. 470, 573, 597 e 608); e ‘criado’ (v. 502). Em meu entender, podia uniformizar-se para ‘servo’ ou ‘escravo’;

- καλύπτω é vertido por ‘encobrir’ nos vv. 121, 140, 156; mas ‘encobrir’ é também a tradução do verbo κρύπτω no v. 138, que substituiria por ‘suprimir’;

- λαοί ‘povo, pessoas’: alargaria a tradução por ‘pessoas’, usada nos vv. 764 e 768, aos vv. 222, 227 e 243, reservando ‘povo’ para δῆμος;

- ὄρνις: a tradução por ‘pássaro’ surge nos vv. 212, 470 e 828 (mas, aqui, ‘interpretando os pássaros’ cederia a ‘consultando as aves’, regularizando pelas traduções do participio do verbo κρίνω no v. 801 e do termo οἰωνός no v. 277;

- σκέπας: a tradução por ‘abrigo’ podia passar a ‘proteção, refúgio’ (v. 532), reservando-se ‘abrigo’ para λέσχη, de acordo com a n. 36 ad 493, e o mesmo faria no v. 501;

- φοιτάω foi vertido pelo verbo ‘vagar’ nos vv. 103, 125, 255, mas no v. 535 passou a ‘andam errantes’, que me parece poder alterar-se para ‘vagam, vagueiam’; por outro lado, no v. 100, substituiria ‘desgraças vagam’ por ‘desgraças pululam’, pois o verbo é diferente.

Por fim, devo enfatizar um outro domínio terminológico, o das linguagens técnicas, onde muito admiro a capacidade das autoras para traduzirem tantos nomes de utensílios agrícolas e vasilhame (vv. 422-436) e de vestimentas de inverno e sua confecção (vv. 536-546).

Em suma, esta publicação de Glória Braga Onelley e Shirley Peçanha, além de facilitar o acesso a um tratado gnómico extremamente relevante em termos culturais (e parabéns também ao editor), revela enorme atenção ao texto grego, oferecendo-nos uma tradução genericamente muito ágil, rigorosa e fluente, com informação em absoluto pertinente, tanto na parte introdutória como na anotação.

FRANCISCO OLIVEIRA

foliveir@ci.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra;

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

<https://orcid.org/0000-0003-4871-243X>

https://doi.org/10.14195/2183-1718_79_9

(Página deixada propositadamente em branco)